



...porque ler será sempre um prazer

1 – António Augusto, nasceu em Lisboa, trabalha e reside actualmente em Luanda. Fale-me um pouco mais de si.

R: Venho de uma família grande, daquelas que já não se vê hoje em dia. Sou o mais novo de quatro irmãos, vivi toda a minha infância e adolescência nos subúrbios de Lisboa, tendo mudado nos últimos anos para o centro da cidade, Bairro Alto. A vivência de Lisboa influencia muito a minha escrita, assim como a paixão pelo cinema, herdada do meu pai. Actualmente, vivo em Angola, o que tem sido uma experiência enriquecedora que, tenho a certeza, acabará por ser reflectida na minha escrita futura, provavelmente após algum tempo de distanciamento desta realidade.

2 – Apesar de ser formado em economia, ter trabalhado vários anos na área de comunicação e publicidade, como é que surgiu a escrita na sua vida?

R: Acho que a escrita surge como evasão criativa de um trabalho muito direccionado para os números. Sempre gostei muito de ler mas, apesar disso, era muito preguiçoso para escrever. A questão é que depois de começar, rapidamente se torna um vício. Hoje em dia, independentemente de ver ou não publicado os meus trabalhos, não consigo imaginar deixar de escrever.

3 – Como surgiu o livro “O Cinema nosso de cada dia”?

R: Trabalhava nesta história há algum tempo quando tive conhecimento de um prémio literário promovido pela Editora Alma Azul, em 2009. Resolvi concorrer, tendo de adaptar e terminar o que já tinha escrito à regulamentação do concurso, nomeadamente em termos de extensão da obra, sendo essa a razão pelas (apenas) quarenta e quatro páginas de livro. Fui finalista do concurso, ficando em aberto a possibilidade da sua publicação, algo que não viria a acontecer em virtude do contexto de dificuldades económicas que o país atravessa, não permitindo o risco de lançamento de um novo autor para maioria das editoras. Acabou por surgir a oportunidade de publicação com a Chiado Editora, o que viria a acontecer em Maio deste ano.

4 – Para um romance, achei o livro muito divertido. Em que é que se inspirou? Fale-nos um pouco desta obra.

R: Eu diria que tem episódios que podem provocar alguns sorrisos, mas na maioria das vezes amargos. A história segue três personagens durante um fim-de-semana, onde as suas vidas, a música e o cinema se entrelaçam. Fala de solidão e da procura de um sentido. Mas essencialmente, é a história de um grande amor, e de como as relações humanas estão dependentes de decisões e contrariedades que vão ditando a sua evolução. Apesar de ficção, o cenário onde se desenrola a história é real, a nossa querida Lisboa, o que nos faz pensar que os personagens são pessoas que provavelmente já se cruzaram connosco, pois estivemos e frequentamos os mesmos locais.

5 – Sei que já está a trabalhar num novo romance. Pode levantar um pouco o véu sobre essa história?

R: Neste momento estou a terminar alguns contos. Em tom de tragicomédia, são pequenas histórias que nos levam a realidades e percursos bem diferentes, mas novamente com o cinema como pano de fundo. Espero assegurar a sua publicação no início do próximo ano. Entretanto, tenho já uma semente plantada na minha cabeça para um próximo romance, mas é ainda cedo para falar deste projecto; talvez no próximo ano tenha novidades.

6 – Agora que parece lançado na escrita, o que podem os leitores esperar no futuro do António Augusto?

R: Não sei se estou lançado na escrita. Digo apenas que finalmente comecei a escrever, e é isso que mais me interessa. Se a crescer a isso, houver pessoas que sintam prazer em ler-me, ficarei muito satisfeito.